

# O TABULEIRO DAS GANHADEIRAS LITERÁRIAS DEISIANE BARBOSA E TATIANA NASCIMENTO

THE LITERARY MARKET OF "GANHADEIRAS LITERÁRIAS" DEISIANE BARBOSA AND  
TATIANA NASCIMENTO

EL MERCADO LITERARIO DE LAS "MUJERES GANADERAS LITERARIAS" DEISIANE  
BARBOSA Y TATIANA NASCIMENTO

Josiane Alves dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** As tramas da literatura contemporânea brasileira têm apresentado uma diversidade de suportes utilizados para a publicação literária, em especial, as tecnologias editoriais geridas pelas escritoras negras. A partir disso, o principal objetivo deste trabalho é traçar um panorama das tecnologias editoriais negras que antecedem as ações das escritoras-editoras Deisiane Barbosa, responsável pela Andarilha Edições e Tatiana Nascimento, pela Padê Editorial, nomeadas neste estudo como ganhadeiras literárias. A nomeação das autoras como ganhadeiras literárias parte da relação de que há alguns elementos constitutivos das negras de ganho que se fazem ver nas ganhadeiras literárias: o tabuleiro como tecnologia editorial de publicação, o alimento comercializado na literatura escrita, a cabeça que carrega o tabuleiro como mina para a produção intelectual e artística.

**Palavras-chave:** Ganhadeiras literárias. Deisiane Barbosa. Tatiana Nascimento. Publicação independente. Literatura contemporânea brasileira.

**Abstract:** The plots of contemporary Brazilian literature have presented a variety of mediums used for literary publication, particularly the editorial technologies managed by Black female writers. The main objective of this work is to provide an overview of the editorial technologies employed by Black individuals preceding the actions of writer-publishers Deisiane Barbosa, responsible for Andarilha Edições, and Tatiana Nascimento, for Padê Editorial, referred to in this study as "Ganhadeiras literárias". Referring to these authors as "Ganhadeiras literárias" stems from the observation that there are some constitutive elements of Black women street vendors that are evident in "Ganhadeiras literárias": the board as an editorial technology for publication, the food traded in written literature, the mind that carries the board as a mine for intellectual and artistic production.

**Keywords:** "Ganhadeiras literárias". Deisiane Barbosa. Tatiana Nascimento. Independent publishing. Brazilian contemporary literature.

**Resumen:** Las tramas de la literatura contemporánea brasileña han presentado una diversidad de soportes utilizados para la publicación literaria, especialmente las tecnologías editoriales gestionadas por escritoras negras. A partir de esto, el objetivo principal de este trabajo es trazar un panorama de las tecnologías editoriales negras que preceden las acciones de las escritoras-editoras Deisiane Barbosa, responsable de Andarilha Edições, y Tatiana Nascimento, de Padê Editorial, nombradas en este estudio como "Ganhadeiras literárias". La designación de las autoras como "Ganhadeiras literárias" parte de

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras (UFES). Licenciada em Letras de Língua Portuguesa e suas Literaturas (UNEB). Email: [josianealves.789.ja@gmail.com](mailto:josianealves.789.ja@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8792-8378>.

la relación de que hay algunos elementos constitutivos de las “negras de ganho” que se hacen evidentes en las “Ganhadeiras literárias”: el tablero como tecnología editorial de publicación, el alimento comercializado en la literatura escrita, la mente que lleva el tablero como mina para la producción intelectual y artística.

**Palabras clave:** “Ganhadeiras literárias”; Deisiane Barbosa; tatiana nascimento; Publicación independiente; Literatura contemporánea brasileña.

## Introdução

As ruas que acolheram o ir e vir das negras de ganho refletem redes virtuais contemporâneas permeadas de escritoras e suas grafias. Em cada canto, uma ganhadeira literária sustenta sob a cabeça seu tabuleiro editorial, tecnologia compartilhada e refletida a partir das temporalidades espiralares (Martins, 2021) com as negras de ganho. Ao avistarmos o tabuleiro das escritoras-editoras, deslumbramo-nos com toda sorte de literatura, com sabores, cheiros e texturas próprias.

As negras de ganho, ou ganhadeiras, foram mulheres africanas que desempenharam atividades comerciais significativas, principalmente na área alimentícia, no Brasil durante os séculos XVI – XVIII<sup>2</sup>. Ao recuperar a imagem e a identidade dessas mulheres, este estudo tem a intenção de olhar para essas experiências como referências contracoloniais. Assim, a nomeação das escritoras-editoras que estão à frente de editoras independentes como *ganhadeiras literárias* busca “enfeitiçar a língua”, conforme proposto por Antônio Bispo dos Santos. Para o pensador quilombola, é necessário semear palavras contra a ordem colonial (Santos, 2023).

Além disso, a aproximação dessas mulheres com as escritoras-editoras Deisiane Barbosa e tatiana nascimento<sup>3</sup> é possível, pois certos atributos das ganhadeiras também podem ser identificados nas curvaturas das empreendedoras contemporâneas: a **cabeça** como lugar fundamental na criação literária, o **tabuleiro** como suporte para a publicação – no caso, as editoras que são geridas por elas, e a **literatura** escrita como o alimento criado.

---

<sup>2</sup> Para João José Reis, “As ganhadeiras vendiam de tudo um pouco: verduras, frutas, peixe, carne verde, moqueada e cozida, quitutes doces e salgados, panos da costa, toda sorte de quinquilharias, entre outros produtos locais e importados, mormente da África, mas doutras partes do globo também. Sobre essas mulheres, uma antiga postura municipal, republicada em 1873, estabelecia, entre vários ‘locais’ onde era permitida a venda de carne verde, as “cabeças das ganhadeiras”. As cabeças das negras eram então um lugar fundamental na geografia econômica de Salvador” (Reis, 2019, p.20). A historiadora Sheila Faria aponta que foram as mulheres nascidas na África as que mais alcançaram os recursos suficientes para a compra de sua liberdade, em comparação, por exemplo, com as brasileiras ou as estrangeiras imigrantes. Para Faria, as comerciantes do continente africano foram exitosas porque possuíam referências em suas culturas de origem para a venda e o comércio, e conseguiram em território brasileiro desempenhar suas habilidades, durante e depois da condição de escravizadas. Ademais, quando elas possuíam escravizadas/os, as relações que estabeleciam eram diferentes das que se davam com os escravizadores (Faria, 2004). – Nota da autora.

<sup>3</sup> A editora, compositora e poeta tatiana nascimento prefere a grafia do seu nome em caixa baixa – Nota da autora.

O comércio através do tabuleiro exigia que escolhas bem acertadas fossem tomadas por parte das ganhadeiras, uma vez que os resultados obtidos comprometiam diretamente sua vida no ganho. Do mesmo modo, gerir projetos editoriais independentes envolve escolhas arriscadas e ousadas por parte de suas responsáveis. A *Andarilha Edições* e a *Padê Editorial* nascem do desejo de trazer um equilíbrio possível à balança do mercado editorial. Os tabuleiros das ganhadeiras literárias evidenciam um jogo: mercado editorial x mercado editorial independente. O primeiro adversário tem a seu favor a concentração de capital, recursos publicitários, uma ampla estrutura e o domínio de um mercado consolidado. Em contrapartida, as editoras independentes têm o direito à literatura e de comercializá-la. É uma partida desequilibrada porque há quem lucre mais. Outrossim, há quem também venda, apesar do seu oponente.

### **Tecnologias editoriais negras: nossos passos vêm de longe...**

*Eu comecei... Eu comecei na verdade esse negócio de livro numa gráfica, que eu entrei numa gráfica, não tinha a menor ideia, não podia nem imaginar esse negócio de edição [...] entrei numa gráfica e a gráfica imprimia livros. Então eu entrei [...] e comecei a aprender, ver aquele processo todo, o de fabricação do livro, produção do livro. Então na verdade eu comecei, [...] na verdade eu comecei com dezito anos faxinando, depois eu fui vendo o que que tava acontecendo e fui aprendendo (Mazarello, 2021, s/p).*

Inicialmente, a investigação de iniciativas editoriais, geridas por pessoas negras, encontra a trajetória da editora **Maria Mazarello Rodrigues**, responsável pela Mazza Edições. O que permite então atualizar a máxima da intelectual Jurema Werneck (2010): *Os passos das ganhadeiras literárias vêm de longe*. Deste modo, seguiremos adiante “dando bênção” a quem veio antes.

Mazza, como ela é conhecida, nasceu no interior de Minas Gerais, em Ponte Nova, no ano de 1941. Em 1954, ela migrou para Belo Horizonte com sua família. A mineira começou a trabalhar em uma editora, inicialmente como faxineira, apesar de possuir formação em contabilidade na época. Com o tempo, envolveu-se com os processos de produção de livros e viu no ofício um engajamento pessoal. Na década de 60, cursou Jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais.

Sua formação, experiência e tino para o campo editorial fizeram com que ela integrasse algumas editoras, como a Editora do Professor, a Livraria do Estudante, além da Editora Vega. Após o falecimento de sua mãe, Dona Penninha, no final da década de 70, Mazza ganhou uma bolsa de estudos para cursar mestrado em Editoração, em Paris, na França. E é a partir de sua estadia na Europa, em contato com as reivindicações a favor dos direitos civis da população negra, que ela passa a refletir, principalmente, a partir do movimento cultural “Black is beautiful”, sobre sua beleza e identidade como

mulher negra. Além disso, entende a necessidade de estimular essa consciência nas infâncias negras. Para Mazza, era fundamental que as crianças se vissem na literatura.

Ao retornar para o Brasil, Mazza estava decidida a criar uma editora que se dedicasse à autoria negra. Com a abertura política que o país experimentava após a ditadura, e as movimentações políticas do Movimento Negro Unificado (MNU), ela mirava uma intelectualidade fértil por aqui para ser publicada. A realização deste desejo não foi fácil, apesar de sua formação e experiência. Ela enfrentou muitos desafios para manter a editora. Em seus quase 40 anos de existência, a editora publicou uma variedade de títulos e autoras/es. Muitos hoje são referências importantes da literatura negra brasileira, como Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Cuti, Edimilson de Almeida Pereira etc.

Maria Mazarello é uma “mais velha” para as ganhadeiras literárias e, por esse motivo, sua trajetória deve ser celebrada. Como pioneira no campo editorial, ela é uma referência de uma mulher negra que edita livros. Mazza deve ser reconhecida como uma ganhadeira literária do campo editorial. Seus passos e seu ir e vir reverberam como movimentos para ganhar espaço em um disputado mercado. Vislumbrar diante de si uma oportunidade, publicar livros de autoria negra em um mercado que não possuía uma editora com esse viés, e dedicar-se à manutenção desse projeto por tanto tempo, obtendo êxito, faz de Mazza uma pioneira das tecnologias editoriais negras.

Cidinha da Silva, em seu recente livro de crônicas “*Tecnologias ancestrais de produção de infinitos*” (2022), publicado pela Martelo Casa Editorial (GO), saúda a editora Maria Mazarello, a quem nomeia de modo especial como “pedra angular do quilombo grande”. Na crônica que fala sobre a editora Mazza, a narradora conta, com muito respeito e cumplicidade, a trajetória da “Moleca atrevida”, em referência ao samba de Jorge Aragão. No texto, há um alerta: antes de pisar no terreiro, procure saber quem é Mazza.

Você que me lê e ouve não imagina a força motriz que é Maria Mazarello Rodrigues, mulher negra de Ponte Nova (terra também do glorioso Reinaldo) que construiu uma empresa sólida, a Mazza Edições, sem lastro de herança econômica familiar. Estruturou o projeto na tora, no braço, no trabalho incansável para materializar um sonho de liberdade num país racista e cínico que negava a existência do próprio tema gerador da empresa, o racismo e todas as suas mutações.

Mazza é uma editora que inscreveu seu nome a ferro, fogo e boas conversas no cenário editorial brasileiro. Para falar sobre a memória do livro e do ofício de editá-los no Brasil contemporâneo, é imperativo pronunciar seu nome e pesquisá-lo (Silva, 2022, p. 65-66).

Para Cidinha, Maria Mazarello é “uma rocha tectônica do Quilombo Grande”. Cidinha e Mazza possuem uma relação de amizade e parceria na publicação de livros. Em quatorze anos, a escritora

publicou quatro livros com ela, com destaque para seu campeão de vendas “Os nove pentes d’África” (2009), com mais de treze mil cópias vendidas.

A pesquisadora Ana Elisa Ribeiro, no ensaio “*Subnarradas: mulheres que editam*” (2020), tratou do apagamento das mulheres envolvidas na edição e no tratamento de textos literários. Ela menciona que os nomes das mulheres editoras e suas biografias, historicamente, são desconhecidos quando comparados com os editores homens. Neste texto em particular, ela saúda a existência da editora Maria Mazarello, assim como destaca Tatiana Nascimento, responsável pela Padê Editorial, como uma das editoras em destaque da cena atual.

Ao refletir sobre o que leva as mulheres a escreverem e editarem, Ribeiro disse que elas se dedicam a essas atividades a partir do “impulso de uma raiva, de uma ousadia ou da necessidade de expressão, mesmo que tenham dificuldades em encontrar seu público ou que ele termine por ser muito fragmentário e seccionado” (Ribeiro, 2020, p. 26). É importante também considerarmos o que significa para uma escritora ter que também editar seus livros. Ela apontou:

a atuação como editora pode ser uma das facetas das escritoras em muitos momentos, dado que editar pode ser entendido como uma reação contundente aos silêncios de outros editores (e eventualmente editoras emaranhadas nas redes do machismo estrutural), às possíveis dificuldades de encontrar espaços discursivos ou de apenas os encontrar em camadas alheadas do debate – para uma mulher, editar pode ser mais que publicar um livro. Editar tem também o sentido, menos ou mais consciente, de intervir, agir e dizer contra-hegemonicamente (Ribeiro, 2020, p. 47).

**Cidinha da Silva** também é uma referência importante para as ganhadeiras literárias. Quando observamos a literatura contemporânea brasileira, destacamos a diversidade da obra de Cidinha da Silva, que nos últimos anos tem sido notável em quantidade e qualidade. A autora nos presenteia com uma variedade de gêneros literários: conto, crônica, poesia, dramaturgia, literatura infanto-juvenil, ensaios, entre outros, que, a cada título, atualizam o amadurecimento de seu projeto literário por meio de um olhar contemporâneo atento às temporalidades.

A primeira obra literária publicada da autora foi “*Cada tridente em seu lugar*”, em 2006. Quase duas décadas depois, ela já conta com mais de vinte títulos publicados. Uma abordagem que tem influenciado seu projeto literário é o que ela chamou de “tecnologia do quiabo”. Em comunicação com o Itaú Cultural, através de um depoimento gravado em outubro de 2020, Cidinha compartilhou que:

[...] a água viscosa do quiabo, comida de Xangô, por sua vez, também me encerra uma tecnologia preciosa: se não dá de um jeito, a gente que é filha de Xangô tenta de

outro, isso faz parte do que eu chamo de *tecnologia do quiabo*. É então uma tecnologia de flexibilidade. Numa só natureza eu encerro a dureza da pedra, calor do fogo, a flexibilidade do quiabo e ainda o corte do machado se dá de dois lados, na ida e na volta. Minha questão é entender essa natureza e vivenciá-la, é trazer esses elementos para a minha literatura, a partir de uma espécie de compostagem que eu faço dessas coisas, com as coisas do mundo que atravessam meu mundo e me possibilitam construir outros mundos (Silva, 2020, s/p - *grifo meu*).

Não seriam então as tecnologias editoriais negras senão *tecnologias do quiabo*? Se a autoria negra, em especial as escritoras, não acessa a publicação nos grandes grupos editoriais, a flexibilidade constituinte da tecnologia do quiabo impulsiona as obras das ganhadeiras literárias a circularem de outro modo. Como por exemplo, na ação dupla de escritoras-editoras e na criação de suas próprias editoras.

A maleabilidade do quiabo é perceptível na atuação de Cidinha quando se dedica a impulsionar o convite a novas escritoras e escritores à produção literária, ao realizar o curso “Vozes independentes no mercado editorial”<sup>4</sup>, que se encontra em sua sétima edição. A oferta do curso é fruto de uma necessidade que a própria autora deve ter vivenciado quando iniciou a publicação de seus livros.

A escritora compartilha sua experiência a partir do lugar em que se encontra agora, como autora premiada, com número expressivo de cópias em circulação e com uma gama de títulos publicados, com aqueles que também anseiam publicar. Ao olhar ao redor no mercado, ela avistou a possibilidade de oferecer esse panorama em seu tabuleiro, juntamente com sua literatura. Isso demonstra uma generosidade e sagacidade própria de uma ganhadeira literária.

Além disso, a autora é responsável pela iniciativa Kuanza Produções, que publicou a primeira edição de sua obra infantil “O mar de Manu” (2011), o primeiro volume de “Exuzilhar: Melhores Crônicas de Cidinha da Silva” (2018), “Pra começar: Melhores Crônicas de Cidinha da Silva” (2019) e “#Paremdenosmatar” (2016), em parceria com a Editora Jandaíra.

Em entrevista à Revista Casulo, edição n. 13, Cidinha comenta que o espaço temporal entre a primeira publicação da Kuanza e as outras aconteceu por dificuldades em gerir o capital da iniciativa, para que fosse possível promover outras publicações. Como loja virtual, na Kuanza é possível adquirir

---

<sup>4</sup> No site é possível encontrar que ele: “Destina-se a pessoas que escrevem, querem publicar e não desejam ficar com os livros encalhados; pessoas que escrevem, já publicaram, mas estão estagnadas no mundo literário; pessoas que têm um monte de livros estocados em casa e não sabem o que fazer com eles; pessoas que se interessam por literatura e ferramentas de circulação de livros (leitura, clubes e coletivos, acervos de bibliotecas e livrarias, fortuna crítica, venda); pessoas interessadas em entender o funcionamento do mercado editorial a partir da experiência de uma autora negra reconhecida e premiada, com 20 livros publicados e mais de 300.000 cópias destas obras em circulação” (Kuanza produções, 2023, s/p). – Nota da autora.

os cursos que oferta e comprar as obras literárias de Cidinha, que são publicadas por uma diversidade de editoras, entre elas a Editora Pallas (RJ), Mazza Edições (MG), Martelo Casa Editorial (GO), Oficina Raquel (RJ), Pólen Livros (SP), Editora Malê (RJ), Selo Editorial Yellowfante (SP), etc.<sup>5</sup>

No giro proposto de celebrar quem veio antes, quem fecunda o solo das tecnologias editoriais das ganhadeiras literárias, é desejável mirarmos também nos **Cadernos Negros**. As publicações surgiram na capital paulista durante os anos finais da Ditadura civil-militar no país, em 1978. A série marca uma das expressões mais proeminentes de publicações literárias coletivas de autoria negra. Cuti, seu idealizador, juntamente com Hugo Ferreira, pensou no nome “cadernos” como referência à escritora que na época tinha mobilizado grande engajamento no mercado editorial brasileiro, Carolina Maria de Jesus.

As cinco primeiras edições foram organizadas por Cuti, que estava à frente na coleta dos textos e dos recursos para encaminhar os textos à gráfica para impressão e, depois, na publicação. Após esses primeiros anos, quem passou a organizar as publicações e realizar a curadoria dos textos foi o coletivo QuilombHoje, do qual Cuti fazia parte. Quarenta e cinco anos depois, a série dos Cadernos Negros encontra-se em seu volume 44 (2023).

O pesquisador Carlindo Fausto Antônio, em sua tese de doutoramento, intitulada “Cadernos negros: esboço de análise” (2005), chama a atenção para a importância de considerar um contexto mais amplo que favoreceu o surgimento dos Cadernos Negros. Na década de 70, havia uma ânsia de mudança por parte da sociedade. Neste contexto, “o lançamento da coletânea foi um meio catalisador de forças sociais (culturais e artísticas) que coube aos idealizadores dos Cadernos Negros concretizar através de um projeto de identidade negra a partir da literatura” (Antonio, 2005, p. 15 e 16).

É importante considerar também **Francisco de Paula Brito** (1809-1861), escritor, editor, jornalista e tipógrafo que viveu no Rio de Janeiro no século XIX, contemporâneo das negras de ganho. Sua trajetória passa muitas vezes despercebida quando se trata de suas produções literárias. Ele é mais conhecido por ter sido *o primeiro editor brasileiro*, sendo ele quem empregou Machado de Assis como tipógrafo e chegou também a publicá-lo posteriormente. Relacionava-se com muitos escritores do período e exercia forte influência na época.

---

<sup>5</sup> A este respeito, a escritora mineira disse na Flip de 2022 ao participar da mesa Encruzilhadas do Brasil, que ela é como um “catálogo das editoras independentes”, visto que não se limita a uma casa editorial ao publicar. Na ocasião, falou que: “[...] as editoras pequenas e médias têm a coragem de se abrir para temas que ainda não estão estabelecidos, que ainda não são totalmente bem recebidos pelas pessoas, pelo mercado [...]” (Silva, 2022, s/p). – Nota da autora.

Francisco de Paula Brito foi um precursor no ofício de produção de livros. Ele começou muito jovem trabalhando na tipografia de Seignot Plancher, o fundador do *Jornal do Comércio*, até finalmente abrir a sua. Oswaldo de Camargo disse que ele é “iniciador do movimento editorial no Brasil” (1987, p. 41). Paula Brito tinha muito apreço pelo seu trabalho, o que resultou em seu empenho pela escrita literária. Ele foi fundamental para o comércio do livro no Brasil.

É importante destacar que é a partir das mãos negras de Paula Brito que o livro passa a ser comercializado como um bem cultural imperativo e necessário para a construção da intelectualidade brasileira. É substancial considerar as atividades editoriais e comerciais do livro realizadas por ele como fomentadoras das tecnologias editoriais negras. Isso coloca em evidência o protagonismo da relação entre pessoas negras e a produção de livros.

Para o pesquisador Marcos Fabrício Lopes em “*Paula Brito: precursor da imprensa negra e do conto brasileiro*”, o esquecimento e o registro de seus feitos configuram-se como uma morte simbólica e demonstram a indiferença aos grandes feitos de Paula Brito. Para ele, o tipógrafo representa um “ícone da manifestação estético-política afrodescendente”. Ele disse que:

Com o periódico *O Homem de Cor* – que depois passou a ser chamado *O Mulato* ou *Homem de Cor*, Paula Brito entrou para a história do jornalismo, ao promover o início da *Imprensa Negra* no Brasil. Entre 14 de setembro e 4 de novembro de 1833, o mencionado jornal especializou-se em dar voz e vez ao negro, compreendido como agente da própria história, o que desmontava o padrão editorial da época, que costumeiramente destacava nas folhas públicas os atos daqueles comprometidos com a ordem escravocrata, ou seja, “os donos do poder”, conforme designação de Raymundo Faoro (Silva, M. F. L. 2021, s/p).

Estar à frente de uma iniciativa jornalística como “*O homem de cor*”, durante o sistema escravocrata, que denunciava as desigualdades da sociedade, principalmente em relação ao racismo, demonstra a importância e relevância de Paula Brito como antecessor no gerenciamento de tecnologias editoriais negras. Além disso, vale dizer que o editor também se comprometeu com a causa das mulheres, tanto nas publicações jornalísticas como em seus três contos, “*O enjeitado*” (28 e 29 de março de 1939), “*A mãe-irmã*” (10 de abril de 1939) e “*Revolução póstuma*” (09 de março de 1839), publicados no *Jornal do Comércio*, que denunciavam a submissão das mulheres na sociedade patriarcal da época.

Assim, olhar para as trajetórias de Maria Mazarello, Cidinha da Silva, dos *Cadernos Negros* e de Paula Brito, considerando o contexto de cada um, permite interpretarmos o nosso tempo. Na verdade, surgem algumas questões: Qual conjuntura fecunda as ações das ganhadeiras literárias?

Quando olhamos para Tatiana Nascimento e Deisiane Barbosa, quais relações podemos traçar com quem veio antes?

Mazza avistava uma fertilidade de intelectuais negros e a chance de publicá-los. Ela inaugurou um campo específico para publicação que não existia naquele momento: autoras/es negras/os. Sua persistência ao longo dos anos imbrica uma trajetória arduosa e uma visão à frente do seu tempo. Bem como a coletânea dos Cadernos Negros, que como elaboração coletiva, revive uma das tecnologias negro-diaspóricas essenciais: a coletividade, o quilombo. O tipógrafo Paula Brito bem sabia da necessidade de elaborar uma literatura brasileira que partisse também de autores negros e que “conta o que se vê e ouve”. Cidinha da Silva, consciente das pedras no caminho, tem fortalecido e incentivado à profissionalização de novos nomes ao ofertar o seu curso, além de privilegiar as editoras independentes em suas publicações.

### **O mercado editorial pertence a Exu**

Cidinha da Silva ao elencar cinco pontos sobre as dificuldades enfrentadas pela autoria negra, disse que é preciso:

Entender que o mercado é lugar de Exu e se somos gente de Exu, o mercado editorial, como todos os outros mercados, é nosso lugar como espaço de trocas e circulação de saberes, de conhecimentos sobre o manejo da vida. Desse modo, gerenciar as moedas de troca no mercado é reapropriação de uma ciência que nos pertence (Silva, 2022, s/p).

Diante disso, é essencial considerar a amplitude do mercado como parte intrínseca do domínio do orixá Exu. As negociações, movimentações, a constante circulação e as trocas são atribuições de Olojá, o Senhor do Mercado, uma de suas manifestações. Exu, um orixá da mitologia iorubá, é reconhecido como o mensageiro. Ele é caracterizado por sua dualidade, representando tanto o caos quanto a ordem, e é considerado o guardião dos caminhos, responsável por abrir e fechar as portas das oportunidades. O pesquisador Wanderson Flor do Nascimento destaca que ele é uma “Divindade iorubana das encruzilhadas. E em todos esses elementos (caminhos, transmissão das mensagens, encruzilhadas), revela um caráter intersubjetivo, coletivo, da organização do mundo para a cosmovisão sustentada pelos povos iorubás” (Flor do Nascimento, 2016, p. 30).

Em “*Olojá: Entre encontros - Exu, o senhor do mercado*”, o autor apresentou a diferença principal entre o mercado-olá e o mercado capitalista. No mercado-olá, é onde circulamos e trocamos o que

temos/produzimos para receber outras coisas em troca. Ele diferencia-se do mercado capitalista porque não visa a acumulação e não passa pela expropriação e exploração (Flor do Nascimento, 2016).

Em suma, a organização do mercado-ojá relaciona-se com o viver de muitos povos tradicionais africanos, como os iorubás, que se conectam com o mundo expressando a sua coletividade.

Na ideia do mercado-ojá, encontramos a função de aquisição e distribuição recíprocas, sem uma necessária função de exploração. É um espaço de intercâmbio em que o excedente de um é trocado pelo excedente de outro, mesmo que alguns desses excedentes não sejam necessariamente da ordem material. Dito de outro modo, o mercado-ojá é um local de troca e circulação do axé, de modo a fortalecer o caráter recíproco e complementar da dinâmica do próprio axé (Flor do Nascimento, 2016, p. 32).

O funcionamento do mercado-ojá acontece através da circulação do *axé*<sup>6</sup>. Sob tal perspectiva, a presença das tecnologias editoriais das ganhadeiras literárias é vital para que suas literaturas, impregnadas de axé, revigorem o mercado editorial. Essas produções, que podem ser vistas como um *ebó de palavras*, movem as engrenagens do mercado editorial, alterando um cenário de publicação que privilegia uma autoria masculina, branca, heteronormativa e do eixo sudeste (SP-RJ).

Diferentemente das escolhas pautadas em quem vende mais e no fortalecimento de um perfil literário único, o mercado-ojá das ganhadeiras literárias valoriza as trocas e o fortalecimento de todas as escritoras. Existe um interesse mútuo entre elas para o fortalecimento conjunto de suas editoras, livros e projetos. Ao agirem em cooperação e parceria, como podemos observar, por exemplo, na autora Cidinha da Silva, que apesar de ter sua própria editora, a Kuanza Edições, publica em uma variedade de editoras independentes, ou ainda em sua relação com a Editora Maria Mazarello.

A ausência de disputa demonstra que o mercado do qual as escritoras-editoras fazem parte diferencia-se do mercado capitalista, mas aproxima-se substancialmente do mercado-ojá, tendo em vista que:

Este mercado é um sistema de relações sociais, que tem tensões como quaisquer outro. Mas a perspectiva de manutenção mais harmônica da comunidade busca resolver tais tensões fortalecendo os encontros, os laços comunitários e não elegendo a competitividade, disputas, objetificações como valores de crescimento, desenvolvimento, progresso (Flor do Nascimento, 2016, p. 37).

Assim, a presença das ganhadeiras literárias no mercado editorial não deve ser subestimada. Suas tecnologias editoriais modificam o seu funcionamento, invertem a sua lógica e ampliam suas

---

<sup>6</sup> O *axé* é uma energia vital, uma força para a cosmologia das religiões de matriz africana – Nota da autora.

ações. A Andarilha Edições e a Padê Editorial, geridas por Deisiane Barbosa e Tatiana Nascimento, respectivamente, simbolizam tecnologias editoriais negras em ação, imbuídas na modificação do mercado livreiro e na promoção da bibliodiversidade. Ao reivindicarem presença no mercado editorial, estabelecem-se em um território que lhes pertence.

A presença das tecnologias editoriais negras pode ser compreendida a partir da identidade de “quilombo editorial”, proposta pelo pesquisador Oliveira. Para o autor, essas iniciativas não se concentram apenas no lucro econômico, mas também na intervenção e resistência ao que Bourdieu chamou de “arte burguesa”, “aquela direcionada ao grande mercado consumidor, a qual monopoliza, homogeneiza, autoriza e silencia discursos” (Oliveira, L.H.S de. 2018, p. 156). Podemos entender um quilombo editorial como:

[...] um conjunto de iniciativas no campo editorial, comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico. Possuem caráter deliberadamente independente. Seus autores são preferencialmente negros ou, em alguns casos, não-negros comprometidos com o combate ao racismo em todas as suas formas. O catálogo é vasto e diverso, com ênfase em ciências humanas, cultura, artes e literatura. Possuem nítido projeto de intervenção político-intelectual a fim de criar debates e formar continuamente leitores sensíveis à diversidade em sentido amplo. Para além de casas de publicação, operam como territórios de ação e resistência ao bloqueio tácito no campo editorial brasileiro (Oliveira, L.H. S de. 2018, p. 157).

No recorte proposto pelo pesquisador, ele nomeia de *quilombos editoriais*, por exemplo, as tipografias geridas por Francisca de Paula Brito, *Tipografia Fluminense de Brito e Cia.* e a *Empresa Tipográfica Dous de Dezembro*, como também as editoras contemporâneas, a *Mazza Edições* (MG), *Nandyala Editora* (MG), *Editora Ogum's Toques Negros* (BA), a *Editora Malê* (RJ) e a *Ciclo Contínuo Editorial* (SP).

Ao tomar como ponto de partida a casa editorial gerida por Paula Brito no século dezoito até casas editoriais contemporâneas, Oliveira verifica um limbo em proposições como as geridas pelo carioca até meados da década de 70. Alguns dos motivos que podem explicar este vazio, para ele, seriam: a abolição que não proporcionou a integração da população negra na sociedade, a contenção aos movimentos e associações negras e o período da Ditadura civil-militar brasileira que cercou as ações de vários movimentos, como o MNU por exemplo (Oliveira, 2018).

A Andarilha Edições e a Padê Editorial, dentro da leitura realizada por Oliveira, podem ser lidas também como quilombos editoriais. As tecnologias editoriais negras dizem respeito aos meios que pessoas negras que escrevem vão usar ou criar para fazerem a sua literatura circular e ser lida. São

articulações que, dentro de um campo de disputas, permitem que discursos silenciados ganhem espaço para publicação, leitura e mobilização social.

O autor elenca cinco estratégias que são utilizadas pelos quilombos editoriais, que também são parâmetros perceptíveis quando observo as editoras das ganhadeiras literárias: a atuação no mercado editorial a partir de um recorte específico de publicações, a independência do capital de grandes grupos empresariais que permite escolher o que publicar, o fomento capital tanto em novas publicações como em ações que fortaleçam sua atuação no mercado, o compromisso coletivo e a publicação de obras com qualidade apesar do capital limitado.

Ao observar o catálogo de publicações das editoras das ganhadeiras literárias e o delineamento proposto em algumas coleções, verifiquei que apesar de terem uma clara intenção na publicação de suas próprias obras, assim como de outras também de autoria negra, as suas escolhas, como editoras, envolvem outros atravessamentos, como a questão do território, as sexualidades e identidades de gênero dissidentes, as questões de gênero, entre outros.

### **Andarilha Edições, uma editora caminhante**

A conexão entre o nome “Andarilha Edições” e o domínio de Exu como Elegbara é fecunda. Reflete a essência caminhante de Exu, sua energia dinâmica que conecta todas as existências. Essa nomeação não apenas captura essa essência, mas também posiciona a editora como um agente de movimento e criação no mercado editorial, desafiando as hegemonias literárias.

Os detalhes da proposta editorial da Andarilha Edições destacam sua busca pela pluralidade e pelo registro de narrativas diversas, especialmente aquelas produzidas em lugares dissidentes, das bordas. Esse compromisso com a mobilidade e a conexão com diferentes territórios reflete a própria natureza do caminhar de Exu, que transcende fronteiras e limitações.

A composição feminina da equipe, baseada no território do recôncavo, não apenas aponta para a transgressão e resistência dentro do cenário editorial, mas também para uma representação diversa e inclusiva dentro do empreendimento comercial. A presença de mulheres em papéis-chave na coordenação editorial, produção gráfica, ilustração e revisão destaca a importância da diversidade de vozes e perspectivas na criação de livros artísticos.

Desde 2019, a Andarilha Edições tem se dedicado a espalhar poesia e arte através de tiragens artesanais (50-200 exemplares), valorizando cada detalhe de suas obras. Essa abordagem cuidadosa e

artesanal reflete o compromisso da editora com a qualidade e a singularidade de cada publicação, contribuindo para a diversificação e enriquecimento do cenário editorial brasileiro.

As linhas que costuram os livros da Andarilha Edições tecem uma rede de alinhavos férteis, de palavras outras, trançadas e costuradas em publicações. O uso da costura ao tecer o livro ressignifica um gesto antigo e comum, presente nas mãos de muitas mulheres que não publicaram, mas que escreveram muitas palavras ao tramarem em outras linhas. A escritora-editora compartilha essa experiência impregnada de poeticidade, ao afirmar que:

*criança, eu via mainha costurar seus panos e achava aquilo bonito. tempos depois, comecei tecendo palavra e fui fazendo alinhavos de poesia imagem palavra. quando dei fé na possibilidade de costurar papel e criar meus próprios cadernos, quis também fazer livro para voar. tomei gosto. quando comecei acreditar nessa coisa delicada de costurar livro à mão, foi então um caminho (cheio de curvas, totalmente) sem volta. a paixão de fazê-los me provoca a pesquisa constante por modos de ampliar o corpo das palavras ~ o livro jamais será um mero suporte, quando pode ser ele próprio uma rica experiência artística. minhas mãos nasceram primeiro que o restante do corpo ~ escrevi um dia desses. e isto reverbera vida adentro: as mãos da andarilha edições nasceram antes mesmo do seu nome (Andarilha, 2021, s/p).*

Ao costurar os livros e unir as palavras, há no gesto uma necessidade expressa de ampliação do próprio livro como suporte, bem como do corpo de palavras a outros espaços e cantos. Aqui, o corpo anda junto com a palavra, um corpo que se movimenta, dança e baila, querendo também uma palavra que ande, corra e chegue, e então retorne.

Deisiane Barbosa, no lançamento da *Coleção Cachoeiras*, mencionou que o interesse sempre foi pensar em “narrativas expandidas”. Dessa forma, a artesanaria de produzir os livros e costurá-los manualmente é um ofício que valoriza a concepção do livro como uma manifestação artística em sua completude, unindo palavras e suporte.

As primeiras costuras da ganhadeira literária foram solo fértil para a construção da editora. Em uma primeira experiência, ela costurou “Cartas a Tereza: Fragmentos de uma Correspondência Incompleta”, em 2015, um livro híbrido que correlaciona várias temáticas, tais como: “ficção, carta, caminhar, corpo, deslocamentos, casa, memória, procura, encontros, etc.” (Andarilha, 2021, s/p). No mesmo ano, ela produziu “100 Maços de Cartas” e os espalhou pela Flica - Festa Literária Internacional de Cachoeira.

A publicação bem-sucedida fortaleceu e encorajou a publicação do segundo livro: “*Desavesso*” (2016), obra que abriga uma diversidade de linguagens, composta por “fotografias e uma série de poemas-errantes, poemas-pagãos, poemas-comprimidos, poemas-de-bicicleta, poemas-de-amor-violado e poemas-de-avesso” (Andarilha, 2021, s/p). O projeto estético e literário de Deisiane se constitui a partir do cruzamento de outras linguagens. Suas criações abrigam constantes inquietações

e experimentações, lembrando-nos de que o livro é um espaço que contempla a palavra viva e em movimento.

Foram esses quatro anos de primeiras experiências (2015-2019) que fomentaram o destino e a construção da Andarilha Edições no recôncavo baiano. Deisiane Barbosa, andarilha de natureza, percorreu incontáveis caminhos e muitas vias a talharam, para que, enfim, ela pudesse abarcar outras autoras e autores e publicações em sua editora caminhante, costureira de livros.

No tabuleiro da editora, em quatro anos de existência, encontram-se publicados vinte e um títulos, tanto em versão física como em ebook. Os gêneros são diversos: poesia, crônica, prosa, biografia, conto, uma antologia e livros de outras áreas do conhecimento, como: arte, educação, artes gráficas, dança e pesquisa acadêmica. Abaixo, segue um panorama, em ordem cronológica, com as informações principais de cada obra:

**TABELA 1: PUBLICAÇÕES DA ANDARILHA EDIÇÕES**

QTD	TÍTULO	AUTOR (A)	GÊNERO	ANO	FORMATO
1	<i>Cachoeira &amp; a inversão do mundo</i>	Maíra Vale	Contos	2019	livro físico
2	<i>A guardadora da ponte e outras biografias</i>	Rubens da Cunha	Poesia	2020	livro físico
3	<i>Narrativas negras e insubmissas em tempos de isolamento social</i>	vários autores	antologia (poesia, contos, ensaios e narrativas visuais)	2020	Ebook
4	<i>Bordando afetos na formação docente</i>	Luciana Borre	Educação	2020	ebook e livro físico (tiragem de 30 uni)
5	<i>Jimú: memórias das águas</i>	Aislane Nobre	Contos	2021	Ebook
6	<i>Memórias de Baixa Grande contadas por sua gente</i>	Coletivo Chico Vêi	Poesia	2021	livro físico
7	<i>Substantivo luto</i>	Ana Fernanda Souza, Mônica Santana e Priscila Fulô	Crônica	2021	Ebook
8	<i>Lá vem ela, Joana d'Arc. E já estava guerreando</i>	Sariza Oliveira Caetano	Biografia	2021	ebook e livro físico (tiragem de 100 uni)
9	<i>árvores memórias e reflorestamentos, v. 1 ~ transatlântik, o livro de areia</i>	Mo Maiê	prosa e poesia	2021	Ebook

10	<i>árvores memórias e reflorestamentos, v. 2 ~ tempo, o livro das árvores</i>	Mo Maiê	prosa e entrevistas	2021	Ebook
11	<i>Afetos da travessia</i>	George Teles	artes gráficas	2021	ebook e livro físico (tiragem de 200 uni)
12	<i>Pilates &amp; Dança: livro-aula para práticas de Coreotonia</i>	Verusya Correia	Dança	2021	ebook e livro físico (tiragem de 50 uni)
13	<i>Escuta, diálogo e experiências em Agroecologia com o Quilombo Grotão</i>	Dernival Ramos Júnior; Vinicius de Aguiar; Kênia Costa; Felipe Eduardo Oliveira	pesquisa acadêmica	2021	ebook e livro físico (tiragem de 50 uni)
14	<i>Cartas a Tereza</i>	Deisiane Barbosa	Prosa	2021	ebook e livro físico
15	<i>A chuva que cai no mar não o torna doce</i>	Clarice Lis Marcon	Poesia	2022	livro físico
16	<i>Quando o mundo despedaça em poesia</i>	Carla Dantas	Poesia	2022	livro físico
17	<i>O samba do pé e da palma delas</i> (Coleção Cachoeiras)	Any Manuela Freitas	Prosa	2023	livro físico (tiragem de 100 uni)
18	<i>Foi um prazer estar em sua companhia</i> (Coleção Cachoeiras)	Clara Amorim Duca	Prosa	2023	livro físico (tiragem de 100 uni)
19	<i>Memórias de uma menina da ladeira</i> (Coleção Cachoeiras)	Lucineide Souza	Prosa	2023	livro físico (tiragem de 100 uni)
20	<i>Ninguém fica no silêncio</i> (Coleção Cachoeiras)	Rose Miranda	Biografia	2023	livro físico (tiragem de 100 uni)
21	<i>Casamendoeira</i> (Coleção Cachoeiras)	Deisiane Barbosa	Prosa	2023	livro físico (tiragem de 100 uni)

Um olhar atento ao tabuleiro da Andarilha Edições nos apresenta aspectos importantes que não devem passar despercebidos, pois eles saltam diante de nós com texturas e um cheiro muito bom. Em primeiro lugar, a diversidade literária publicada pela editora é uma dessas singularidades, uma variedade que se observa em relação à autoria, com uma maioria de obras escritas por mulheres, assim como em relação ao território. As narrativas apresentam uma complexidade de vivências costuradas em poéticas pungentes.

A existência da casa editorial destaca autores(as) e obras que de outra forma talvez não seriam publicadas ou enfrentariam muita dificuldade para sua disseminação se a Andarilha Edições não existisse. É crucial considerar a mudança que está ocorrendo no mercado do livro hoje no Brasil, com

as casas editoriais independentes sendo responsáveis pela propagação de narrativas e autoras e autores que corriam grande perigo de silenciamento. As pequenas tiragens funcionam como uma ferramenta tanto para a editora quanto para o(a) escritor(a), lançando as palavras em solo fértil e permitindo que frutifiquem e semeiem novas palavras, possibilitando assim tiragens maiores no futuro e novas obras.

Em quatro anos de atuação, o ano de 2021 foi o que mais ofereceu obras, com 10 livros publicados, quase metade de todo o catálogo, mesmo em meio à pandemia do coronavírus. Apesar de a editora ter iniciado suas atividades com o interesse em publicar livros expandidos ou livros-objetos, confeccionados de modo artesanal e costurados à mão, a Andarilha se envolveu na publicação de livros no formato digital em ebook, o que de fato auxilia na circulação das obras.

Este recurso foi utilizado em algumas publicações, que apesar de terem uma pequena tiragem física, contavam também com uma versão digital para download gratuito para as(os) leitoras(es). Compreendo que isso foi possível porque os livros disponibilizados online eram resultados de projetos que contavam com o fomento externo de editais culturais, permitindo assim sua distribuição sem fins lucrativos.

A editora não comercializa os livros publicados por ela, ela orienta as/os interessadas/os a procurarem as/os escritoras/es para adquirirem os livros. Isso sinaliza um interesse que não é somente econômico nas atividades editoriais realizadas pela Andarilha, mas sim uma disposição em corporificar e viabilizar essas publicações, além disso, de fomentar a escrita de mulheres que em tempo algum ansiavam pela escrita literária. O que se ratifica na realização de oficinas literárias de escrita criativa ao qual a escritora-editora se dedica nas intermediações do seu território.

Há uma potência coletiva nas narrativas colocadas a lume, são palavras que reviram a terra e que trazem consigo outras tantas, as publicações coletivas são um ótimo exemplo, em “*Memórias de Baixa Grande contadas por sua gente*”, tecidas pelo Coletivo Chico Vêi, temos um livro de poesia escrito por moradores da primeira comunidade quilombola de Muritiba, Baixa Grande, no recôncavo da Bahia. Na obra, as memórias e os saberes das pessoas mais velhas da comunidade são resguardados em versos.

Ademais, a maioria das publicações carregam na autoria o assentamento de outras tantas autoras/es, no livro “*Cachoeira & a inversão do mundo*”, sua autora Maíra Vale, apresenta prosa que perpassa as águas do Paraguaçu, as esquinas, pontes e encruzilhadas da cidade histórica de Cachoeira na Bahia. Assim como os contos de “*Jimú: memória das águas*”, de Aislane Nobre, que se baseiam nas

memórias de dona Edith Nobre, inspiração da personagem principal, a menina Jimú, na Ilha de Itaparica (BA), permeados dos encantamentos de religiosidade afro-brasileira.

Outro exemplo é a biografia “*Lá vem ela, Joana d’Arc. E já estava guerreando*”, da autora Sariza Oliveira Caetano, que conta a vida de Dona Valdeci, dirigente da tenda de Umbanda mais antiga e conhecida de Araguaína (TO), “Tenda Espírita Umbandista Santa Joana d’Arc”. Assim, é possível perceber que as publicações realizadas pela Andarilha Edições aconteceram porque foram as ações da ganhadeira literária que chamaram outras *ganhadeiras* para o *ganho literário*, fomentando a escrita literária das mulheres que pertencem ao seu território.

### **Padê Editorial, artesanal e cartonera**

*padê surge das encontras. das caminhas encruzilhadas.  
da vida que liga pisares. que conecta terra-chão. que demanda terreiros.  
que escorre em ser água. que faz ar sopra d’éter.  
padê próprio éter. padê matéria das palavras.  
padê labareda incandeia lume.  
padê articulação das falas. padê encontra das sílabas.  
padesconstrução de estados-dicionários.*

*padê materializa em letras a ânsia-preta-não-dá-mais-para-segurar.  
padê quer ser registra escrita. objeta tocável. propícia ao olfato.  
gustativas palavras. sensitivo pensar.  
padê pá que é nós  
(Padê Editorial, 2015, s/p)*

Padê é uma oferenda feita para Exu, uma farofa de dendê que acompanha cachaça e cantos rituais para que Exu traga bom axé e cumpra seu papel de mensageiro entre o visível e o invisível. A oferta é colocada na encruzilhada, lugar de encontro e circulação de pessoas. Em homenagem ao orixá da palavra, da comunicação e das movências, a Padê Editorial é uma iniciativa que publica livros artesanais de autoras negras periféricas, lésbicas, fora dos grandes circuitos literários.

A editora foi fundada em 2015 por tatiana nascimento e Bárbara Esmenia, paulistana, atriz, escritora e arte-educadora. tatiana nascimento conta em uma postagem no Instagram da Padê, em agosto de 2018, que quando ganhou um livro cartonero da editora argentina Eloisa Cartonera, sentiu que essas materializações livrescas eram a revolução da literatura.

Em uma conversa com a autora Cidinha da Silva no programa Almanaque Exuzilhar, ela comenta com mais detalhes o contexto que fomentou o surgimento da editora:

*a padê começou com uma ideia, uma ideia de fazer livro de capa de papelão, que é [...] algo ao mesmo tempo muito simples e muito ousado assim porque [...] é... as editoras cartoneras fazemos livros com materiais que iriam pro lixo, papelão de caixa de supermercado mesmo, e vivendo no meio do mundo capitalista de supremacia da palavra né... e do registro escrito da palavra, vivendo no meio de sociedades grafocêntricas, portanto, quem tem poder de publicar, de fazer livros, tem poder, dizer é poder e publicar é mais poder ainda né... então a gente vive num país que é muito pensado e muito dito como um país que não lê e que também é um país de grandes editoras que publicam poucos autores de um circuito sempre bem parecido assim, autores brancos, autores homens cis, autores héteros, autores sudestinos, e eu não to falando de minas né... mas sudeste São Paulo, sudeste rio de janeiro. autores que tem grana, e aí montar uma editora pra fazer livros de papelão nesse contexto e pra publicar autoras negras e pessoas LBT's principalmente tem a ver com compromisso com a democratização da palavra [...]* (Nascimento, 2020, s/p).<sup>7</sup>

Empenhada em realizar de modo palpável o que nomeou de “democratização da palavra”, a Padê Editorial tece um projeto político e estético marcado pela movimentação das bordas para o centro, nomeando e publicando aqueles que estão afastados dos lugares de legitimação da palavra.

Ao incorporarem a presença de Exu em suas atividades editoriais, o empreendimento legitima as palavras que ocupam os espaços fronteiros, das esquinas, dos limites. O projeto publica escritorxs resistentes/dissidentes às normas que confinam os corpos: letramento/escolaridade, raça/sexo/gênero/tamanho/aptidões, territórios, afetos.

Além disso, assim como as negras de ganho se juntavam em atividades comerciais, envolvendo-se nos preparos, cozinhando juntas, compartilhando processos, a Padê faz os livros de modo artesanal junto com xs escritorxs, compartilhando as técnicas necessárias para que a pessoa consiga fazer seus próprios livros no futuro. Em uma entrevista recente concedida ao pesquisador Matheus Messias Santos, tatiana conta que:

*na padê, a publicação depende muito da participação da autora/do autor. os livros são feitos manualmente um a um e fazemos oficinas de encadernação em que compartilhamos ferramentas, formas de fazer, afeto; depois que o livro é lançado, a pessoa autora fica com o pdf do miolo, além do saber artesanal, pra que assim possa seguir fazendo seus livros e vendendo-os, com renda exclusiva pra ela* (nascimento in Messias Santos, Matheus. 2022, p. 146).

As ações da Padê Editorial apontam para o desenvolvimento de uma prática solidária com xs autorxs publicados, havendo um interesse da editora em instrumentalizá-lxs com as práticas necessárias para que façam e comercializem seus próprios livros sem depender de uma editora. Esse modus operandi assemelha-se às ações das negras de ganho que trabalhavam em comunhão, formando

<sup>7</sup> O trecho apresenta uma transcrição da fala da autora tatiana nascimento, retirada do vídeo intitulado: ALMANAQUE EXUZILHAR #12 reapresentação, no canal dos Jornalistas Livres, disponível no YouTube <<https://www.youtube.com/watch?v=PQpbkHZvFL8&t=1229s>>, minuto 21:06 a 23:00 – Nota da autora.

famílias femininas, ratificando a importância das trocas essenciais para a movimentação do axé do mercado-ojá.

Na entrevista, tatiana nascimento compartilhou que o primeiro livro publicado pela Padê foi “*Esboço*” (2016), seu primeiro livro de poemas, juntamente com “*Penetra-fresta*”, primeiro livro de poemas da também fundadora Bárbara Esmenia. Atualmente, o catálogo da editora é composto de cerca de 60 títulos, uma quantidade bem expressiva se compararmos com a Andarilha Edições. Isso se deve ao fato de que uma das ações principais da editora de tatiana aconteceu com a publicação da *coleção escrivências*, que recebeu fomento do Fundo Elas, em 2018.

O gênero literário que domina as publicações é a poesia. O tabuleiro de tatiana é uma referência quando o assunto são as publicações de autoria LGBTQIA+, no entanto, o catálogo da editora e a poeta são pouco reconhecidos no mercado editorial nacional. Mesmo assim, a escritora teima em fazer parte deste mercado, porque segundo ela:

*a importância de ter uma editora é poder publicar meus escritos, e os escritos de outras pessoas que, como eu, nem sempre cabem em projetos editoriais albeios – autônomos ou hegemônicos. isso, obviamente, tá relacionado à invisibilização da dissidência sexual na autoria negra e vice-versa, pois ainda há uma colonização mental que cria expectativas editoriais de que literatura negra seja sempre heterossexual e cisgênera, e de que literatura lgbt seja sempre branca* (nascimento, 2022, p. 146 in Santos, M.M.).

Elaborei um esboço do que foi publicado pela editora, a partir de uma relação que encontrei no livro *Água viva* (2018) de Piera Schneider, publicado pela Padê:

**TABELA 2: PUBLICAÇÕES DA PADÊ EDITORIAL**

COLEÇÃO ODOYÁ		
QTD	TÍTULO	AUTOR(A)
1	<i>Esboço</i>	tatiana nascimento
2	<i>{penetra-fresta}</i>	bárbara Esmenia
3	Lundu	tatiana nascimento
4	Interiorana	nívea sabino
5	Tautologias	daisy serena
6	<i>Sangue</i>	nanda fer pimenta

7	<i>Periférica</i>	kika sena
8	mil994	tatiana nascimento
9	afroqueer existência: dor luta amor	pedro ivo
10	tribadismo: mas não só – 13 poemas a la fancha + 17 gritos de abya yala	bárbara Esmenia
11	<i>maravilha marginal</i>	letícia fialho
<b>COLEÇÃO ESCRIVIVÊNCIAS</b>		
<b>QTD</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR(A)</b>
1	escura.noite	kati souto
2	sal a gosto	esteban rodrigues
3	paragrafia 44	lélia de castro
4	44 sentimentos	cleudes pessoa
5	cartas para NegraLua	Débora Rita
6	oju oiyn, okan iná	beatriz fernandes aqualtune
7	água viva	pierra schnaider
8	desculpa por ainda escrever poemas de amor	julianna Motter
9	flores em coração cerrado	tati carolli
10	a saudade é mulher	fernanda fernandes muniz
11	delírios de (re)xistência	geise gênese
12	trans   bordô	lara ferreira
13	in-quietudes	vandia leal
14	coração no asfalto	márcia cabra
15	ser y estar en otros matices	rocío bravo shuña
16	Olindeza	maryellen cruz
17	Concha	sabrina Leonardi
18	Piroclastos	Lázaro
19	afro latina	Formiga

20	alumbramento marginal	bianca chioma
21	deve haver haveres para que a gente siga existindo	laila oliveira
22	EP	preto téo
23	Tinkuy	jade bittencourt
24	no âmago	enzo iroko
25	sapa profana	raíssa éris grimm
26	sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial	viviane vergueiro
27	amar devagarinho...	bruno Santana
28	a piada que vocês não vão contar	kuma frança
29	guarda-versos: palavras que não pude calar	adriele do carmo
30	bricolagem travesti	maria léo Araruna
31	notas de um interior circundante e outros afetos	calila das mercês
32	cartas para ninguém	diana salu
33	764 – da barragem pra cá	raquel prosa et. al.
34	meus versos e inversos	augusto liras
35	olho de imbondeiro	lohana kárita
36	cantos de proteção, resistência e denço: cada pétala é um ser	babosa maresia e karina das oliveiras
37	crônicas coyote	márcia marci et. al.
38	fragmentos_	juliana Tolentino
39	Vagamente	daniel brito
40	uma natureza secreta	luci universo
41	Ecdise	lídia rodrigues
42	caos – recortes de um peito negro	victória sales

43	<b>diversas maneiras de amar</b>	victor Alejandro
44	<b>comer do próprio coração pra viver na própria pele</b>	Capitú
<b>cole-sã Odara</b>		
1	<b>percursos estéticos: abordagens originais sobre o teatro do oprimido</b>	bárbara santos

Foi possível elencar 56 títulos dos 60 publicados. A maioria dos livros é de poesia. Além disso, seu formato é misto, sendo impresso em pequena tiragem para comercialização e disponibilizado em formato PDF para download gratuito na internet. Essa estratégia assemelha-se à da editora idealizada por Deisiane Barbosa, indicando a necessidade das duas ganhadeiras literárias de fazerem as publicações de suas casas editoriais alcançarem o público leitor.

Em cada título, é possível visualizar a emergência das palavras, tecidas de temas e vivências dissidentes, bem distantes do que encontramos nas prateleiras das editoras do grande conglomerado do mercado editorial. Os livros publicados pela Padê democratizam a palavra, ao privilegiar a publicação de autorxs que descentram os marcadores sociais de privilégio. A escritora-editora, através do seu tabuleiro, possibilita a leitura literária de uma autoria diversa, questionando a identidade da autoria nacional, cristalizada no cânone.

Assim como o tabuleiro da Andarilha Edições, há um banquete em evidência. Por exemplo, o livro “*Periférica*”, de Kika Sena, é atravessado pelas vivências da poeta alagoana. O compilado de poemas é impregnado a partir do corpo preto e travesti, um corpo político em constante disputa por seus direitos e espaços. A obra, que já teve uma segunda edição, foi a primeira publicação da poeta e atriz, que tem ganhado significativa projeção nacional através de seus trabalhos artísticos, principalmente com o longa “*Paloma*” (2022).

A partir dessa primeira publicação, algumas escritoras deram continuidade à publicação de seus próprios livros. Um caso interessante é o da autora baiana Calila das Mercês, que publicou o livro de poemas “*Notas de um interior circundante e outros afetos*” (2019) pela Padê Editorial e, em 2022, lançou o livro de contos “*Planta Oração*” pela Editora Nós, alcançando em 2023 sua primeira indicação ao Prêmio Jabuti.

Portanto, os tabuleiros das ganhadeiras literárias têm funcionado como tecnologias editoriais negras contemporâneas, fomentando a ampliação do mercado editorial brasileiro. O empreendimento

das escritoras-editoras demonstra a ausência de conformismo diante de um mercado acirrado, mas a presença de uma identidade astuta, que, em seu ir e vir, movimenta-se para a publicação literária de obras que corriam grande risco de serem relegadas ao esquecimento ou de não serem publicadas.

É possível identificar que elas se diferenciam de outras editoras, até mesmo de iniciativas independentes, no que diz respeito ao interesse social que ultrapassa o lucro financeiro. Há um propósito de democratizar o acesso à publicação, um interesse de que as publicações literárias editadas por elas possam alcançar o maior número de leitores. Além disso, as publicações das editoras não se limitam apenas às suas próprias obras, mas também incluem as de outras.

As ganhadeiras literárias, ao circularem com seus tabuleiros, demonstram que em suas ações individuais carregam um coletivo de vozes. Elas não andam sozinhas; estão acompanhadas tanto das negras de ganho nas espirais ancestrais como das/os autoras/es que publicam. Movidas pelo desejo de modificar o contexto do mercado editorial, Deisiane Barbosa e Tatiana Nascimento gerem a Andarilha Edições e a Padê Editorial e fomentam a contemporaneidade com publicações que surgem das encruzilhadas literárias.

Os tabuleiros das ganhadeiras literárias são despachos contra-hegemônicos depositados nas esquinas do mercado editorial; sua presença insubmissa sinaliza a existência de outras textualidades, demarca o direito da autoria negra e/ou das identidades e sexualidades dissidentes à publicação literária, sua comercialização, leitura e crítica.

### **Considerações finais**

Os tabuleiros das ganhadeiras literárias são tecnologias editoriais negras que remontam a ações anteriores articuladas com o interesse de modificar o mercado literário. Desde Paula Brito, o primeiro editor brasileiro, tipógrafo negro que publicou o escritor Machado de Assis e fortaleceu o livro como instrumento de difusão da intelectualidade brasileira. Assim como a iniciativa dos Cadernos Negros, que como ação coletiva, promove a publicação literária de autoria negra há quase quarenta e cinco anos. Não podemos ignorar também a importância da editora Maria Mazarello, editora da Mazza Edições, que foi a primeira editora especializada na publicação de autores negros. Bem como a cronista Cidinha da Silva, que tem fomentado a importância das editoras independentes ao publicar em uma variedade delas e ao promover o curso *Vozes Independentes do Mercado Editorial* como um facilitador para quem se interessa pela profissionalização do ofício de escritor(a).

O protagonismo da pessoa negra no mercado livreiro foi e é possível porque o mercado editorial pertence a Exu. Assim, o orixá responsável pela movimentação do axé, da criação, da palavra e dos negócios configura-se como uma chave de dissolução de um mercado que tem se fortalecido a partir da publicação de um perfil exclusivo. A ação das ganhadeiras literárias no mercado editorial demonstra as características do mercado-*ojá*, pois suas iniciativas não estão interessadas somente no resultado econômico como o mercado capitalista, mas sim nas trocas com os outras/os escritoras/es que publicam. Desse modo, compartilham as técnicas que utilizam para a feitura dos livros, disponibilizam a obra para download gratuito, utilizam técnicas de baixo custo, realizam oficinas de escrita criativa etc. Essas ações ratificam o desejo nomeado por Tatiana Nascimento de *democratizar a palavra*.

Podemos notar este desejo quando investigamos as obras que foram publicadas pela Andarilha Edições e pela Padê Editorial. Em ambos os tabuleiros, avistamos obras e autoras/es que, a partir das tecnologias editoriais geridas pelas escritoras-editoras, encontraram espaço para a publicação. São perfis que compartilham traços identitários com suas idealizadoras, partem do mesmo território, de sexualidades e identidades de gênero dissidentes; no entanto, produzem outros discursos com outras singularidades e atravessamentos.

Assim sendo, o estudo das tecnologias editoriais das ganhadeiras literárias distinguiu em suas ações um repertório herdado. Para as negras de ganho, mercadejar significava uma possibilidade de liberdade; para as ganhadeiras literárias, escrever, editar e comercializar suas obras e as de outras/os revela o desejo em democratizar o acesso à publicação literária.

A partir da Andarilha Edições e da Padê Editorial, as escritoras-editoras fomentam o mercado editorial, fortalecendo suas trajetórias pessoais como escritoras, ao mesmo tempo que, ao publicarem autoras/es que partem das margens, exercem um papel fulcral na promoção de novas/os autoras/es. Dessa forma, as tecnologias editoriais negras são ferramentas que visam promover a modificação do cenário da literatura brasileira com o investimento em novos discursos e a diversificação do perfil do escritor(a) literário.

## Referências

Antonio, Carlindo Fausto. *Cadernos Negros: esboço de análise*. Orientadora: Maria Betânia Amoroso. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 2005.

- Flor do Nascimento, Wanderson. *Olojá: Entre encontros - Excu, o senhor do mercado*. Das Questões, [S. l.], v. 4, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/16208>. Acesso em: 25 fev. 2024.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- Mazarello, Maria. *Minha história: Maria Mazarello*. Canal Biblioteca Mário de Andrade. YouTube. 25 de março de 2021. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=DDZ17yk\\_OBg](https://www.youtube.com/watch?v=DDZ17yk_OBg) >
- Messias Santos, Matheus. “a nossa escrita é um reflexo, é um recorte, é um pedaço”: uma conversa com tatiana nascimento. *Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 135–147, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/15756>. Acesso em 25 de fevereiro de 2024.
- Oliveira, L. H. S. de. *Os quilombos editoriais como iniciativas independentes*. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 155-170, 2018.
- Ribeiro, Ana E. *Subnarradas: mulheres que editam*. Copenhague; Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.
- Silva, Cidinha da. *Tecnologias ancestrais de produção de infinitos*. Goiânia: Martelo Casa Editorial. 2022.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista com Cidinha da Silva por Jéssica Moreira*. O Casulo. Edição 13. *Jornal de poesia contemporânea*. Apoio do ProAC - Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura do Estado de São Paulo. Disponível em: <[https://issuu.com/editorapatua/docs/9-1-23\\_casulo-13\\_reduzido](https://issuu.com/editorapatua/docs/9-1-23_casulo-13_reduzido)>.
- Silva, M. F. L. *Paula Brito: precursor da imprensa negra e do conto brasileiro*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/29-critica-de-autores-feminios/373-paula-brito-precursor-da-imprensa-negra-e-do-conto-brasileiro-critica>> Última Atualização: 24 Agosto 2021. Acesso em 25 de fevereiro de 2024.
- Werneck, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 07–17, 2010. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303>>. Acesso em: 24 maio. 2024.

Recebido em: 31/3/2024

Aprovado em: 29/5/2024